

COMBATE SOCIALISTA



Jornal da Esquerda Revolucionária e
Independente

2024 | Nº 189 | Segunda Quinzena de Agosto Valor R\$ 2,00 | Contribuição solidária R\$ 5,00

VOTE NA ESQUERDA INDEPENDENTE 16

A FRENTE AMPLA COM PATRÕES NÃO É A SAÍDA!



ESMAGAR A EXTREMA DIREITA NAS RUAS

COMBATE NOS
CORREIOS
pág. 3

CONTINUAR A LUTA
ESTUDANTIL
pág. 4

APOIAR A GREVE DO
INSS
pág. 8

Vote e lute com a esquerda independente!

As eleições estão aí. Prefeitos inaugurando obras. Vereadores visitando favelas. Candidatos comendo pastel na feira. Os almofadinhas fingindo ser gente como a gente. Mas é tudo papo furado. Hoje ele pede o nosso voto, amanhã manda a polícia barbarizar na periferia. Os partidos tradicionais são representantes dos patrões, dos que nos exploram e oprimem. Não merecem o voto da população trabalhadora.

Não perca seu voto!

Muitas vezes escutamos nossos amigos dizendo que temos que votar no menos pior. Escolher A para evitar a vitória de B é uma forma de perder o nosso voto. Nós compreendemos essa forma de raciocinar, mas discordamos. Você pode transformar seu voto em uma arma de luta. Caso vote em propostas que ajudem a organização operária e popular e fortaleçam um projeto socialista. Por isso reflita. Não vote no menos pior. Não vote em empresários ou pelegos que traem nossas greves. Vote numa proposta que você se identifica. Vote em suas companheiras e companheiros de luta, que nunca vacilam e nem recuam.

A frente ampla não é uma alternativa

A extrema direita precisa ser esmagada nas ruas. Eles defendem uma ditadura e um projeto de fome e sem nenhum direito social. Por isso

muitos de nossos colegas de trabalho e estudo pensam em votar na frente ampla para barrar a extrema direita. Mas essa visão não é correta. A frente ampla de Lula-Alckmin pediu voto dos trabalhadores em 2022 contra a extrema direita, Lira e o centrão. Mas governa com pacto com Lira e o centrão. A frente ampla concedeu ministério para o partido do governador de SP, Tarcísio de Freitas, e para o MDB, do prefeito Ricardo Nunes. Ou seja, a frente ampla dá fôlego a esses setores ultrarreacionários. Não se combate a extrema direita com a frente ampla com patrões. A forma de combater a extrema direita é nas ruas, nas greves, conforme se vê pela classe trabalhadora argentina que enfrenta Milei.

O governo Lula congela salários e criminaliza as greves

O Arcabouço Fiscal congelou salários de servidores federais e trabalhadores das estatais. Por isso ocorreram greves do setor universitário,

ambiental e dos Correios. Os trabalhadores e as trabalhadoras do INSS continuam em greve. O governo Lula não atende às reivindicações e criminaliza a greve, com corte de 100% do salário dos grevistas. Uma medida autoritária. Como podemos votar na frente ampla depois disso? A frente ampla não merece o nosso voto.

Vote na esquerda independente

Pedimos o seu voto para uma esquerda independente. Sem conchavo com governos capitalistas, sem aliança com patrões. A CST chama o voto no 16 do PSTU para as prefeituras de todo o país. E pedimos seu voto para Bárbara Sinedino no RJ 16160, Lorena Fernandes em SP 16160, Andressa Rocha em BH 16160 e Jeane Carla em Uberlândia 16160, para vereadoras. Nas demais cidades, como Belém, Porto Alegre, Niterói, chamamos voto nos vereadores do PSTU, MRT, SoB e Emancipação Socialista, pois expressam uma alternativa eleitoral com independência de classe. Você tem uma opção eleitoral classista.

Propostas para colocar as cidades a serviço da classe trabalhadora

- Enfrentar o Arcabouço Fiscal do governo Lula-Alckmin. Pelo fim da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF);
- Pelo pagamento do piso salarial nas escolas. Revogação do

NEM;

- Enfrentar a máfia dos transportes. Por transporte estatal e gratuito;
- Por reajuste dos salários. Redução dos preços das passagens e tarifas municipais;
- Contra o racismo. Lutar pelo fim das chacinas policiais e pela legalização das drogas;

- Aborto legal, seguro e gratuito. Políticas contra a violência e por direitos das mulheres e da população LGTBQIA+. Contra o capacitismo;
- Emergência climática e ambiental. Taxar as multinacionais poluidoras.
- Fim do Plano Safra, destinando as verbas à agricultura familiar e aos povos indígenas;
- Contra as privatizações. Fim dos contratos com as OSs na saúde;
- Prisão e confisco de bens dos golpistas e genocidas. Revogação das reformas da previdência e ajustes fiscais;
- Conselhos populares que decidam 100% das verbas dos municípios.

Governo Lula corta R\$1,28 bi da Educação Federal

O governo Lula-Alckmin decretou bloqueios e contingenciamentos de R\$15 bilhões em despesas discricionárias do orçamento federal para 2024. Na educação federal o valor congelado será de R\$1,28 bilhões, o que atingirá profundamente as universidades. Esse novo ataque visa cumprir as metas do Arcabouço Fiscal, ou seja, garantir mais dinheiro para os banqueiros por meio da fraudulenta Dívida Pública. O bloqueio/contingenciamento de verba também atinge Saúde (R\$ 4,4 bi), Ciência e Tecnologia (R\$ 76 mi) e as políticas públicas para as Mulheres (R\$ 62 mi), dentre outras áreas.

Nós, da Combate Sindical, repudiamos esses cortes orçamentários e acreditamos que é preciso construir urgentemente um calendário de mobilização unificando TAEs, docentes e estudantes para recuperar essas verbas e conquistar o dinheiro necessário para que nossas instituições públicas possam ter qualidade.

Exigimos da FASUBRA, ANDES, SINASEFE, UNE e UBES a organização de uma luta unificada nas ruas contra os cortes e para que possamos garantir o orçamento necessário para valorizar a educação pública brasileira, que passa pela luta para recompor o orçamento como em 2015, mas muito além disso, para garantir a utilização de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) para a educação pública.

(Confira a nota completa em www.estuit.com)

A Educação federal sofreu um corte de



R\$1,28 bilhões

A saúde sofreu um corte de

R\$4,4 bilhões



Ciência e Tecnologia sofreu um corte de

R\$76 mi



Políticas públicas para as Mulheres teve um corte de

R\$ 62 mi



EXPEDIENTE:

Publicação da Corrente Socialista de Trabalhadoras e Trabalhadores - CST

www.estuit.com

Seção no Brasil da UIT-QI (Unidade Internacional de Trabalhadoras e Trabalhadores - Quarta Internacional) -

www.uit-ci.org

Conselho Editorial: Claudia Gonzalez, Rosi Messias, Adriano Dias, Michel Oliveira, Diego Vitello e Mariza Santos

Capa e contracapa: Gabew

Diagramação: Rana Agarriberri

Correção e Tradução: Lucas Schlabendorff, Henrique Lignani, Stéfani Bendor, Denis Rosá, Mariana Nolte e Rômulo Lourenço

Sede Nacional: Rua Galvão Bueno 714, 1º andar, São Paulo, SP. Diego: (11)98168-6999 - Danilo (11)983175337 - E-mail: combatesocialista@gmail.com

Rio de Janeiro: Rua Riachuelo 195 sala 201, Centro. Whatsapp (21) 97933-7558

Niterói: Laís Sathler (21)97351-1926

Pará: 14 de Abril, 1978, entre Munducurus e Pariquis, Belém/PA. Joice (91) 99371-0562 - Mariza (91)87456186

Belo Horizonte: Rua São Paulo, 409, Sala 1204, Centro. Edivaldo (31) 98245-0794.

Uberlândia: Jeane (34)99884-0345

Rio Grande do Sul: Lucas Schlabendorff (55) 99328336

Greve dos Correios

Direções impedem a vitória

ADRIANO DIAS - Delegado sindical dos Correios e dirigente da CST

As trabalhadoras e trabalhadores dos Correios realizaram uma greve muito forte nas principais bases sindicais do país, como SP e RJ, reivindicando aumento real de salário, redução nos custos do plano de saúde, retorno do 70% de férias, concurso público, entre outras pautas. Foi uma greve onde a categoria mostrou força e disposição para tentar conquistar uma vitória na campanha salarial.

Só que, mais uma vez, o governo Lula e a direção dos Correios não atenderam as reivindicações das trabalhadoras/es, mantendo a sua linha geral econômica de não conceder reajuste este ano, aplicando também nos Correios um congelamento salarial, empurrando qualquer reajuste apenas para janeiro de 2025 e focando em reajuste de tickets ou pagamento de abonos.

Por exemplo, uma pauta muito sensível para a categoria, a redução da mensalidade e coparticipação do plano de saúde, ficou mais uma vez adiada para ser discutida em até 90 dias. Enrolação pura de um tema que deveria ter sido resolvido em junho.

É importante destacar que essa greve ocorreu no momento em que existem outras greves federais pela mesma pauta, aumento salarial, e que enfrentam a política do governo Lula de reajuste zero e de criminalização das greves.

O que está nítido é que, como resultado da aplicação do Arcabouço Fiscal, quem está pagando o pato mais uma vez são os trabalhadores/as e a maioria da população através da redução do poder de compra dos salários e cortes orçamentários em áreas fundamentais como educação e saúde.

FENTECT-CUT traiu a categoria

A ampla maioria da direção da FENTECT-CUT (Artsind-PT, LPS, MRL, INTERSINDICAL, UNIDADE CLASSISTA), incluindo o bloco dos sindicatos unificados, de forma absurda foram os primeiros a aprovarem a proposta



Ato da greve dos Correios no Rio de Janeiro

rebaixada do governo e da empresa, traindo a categoria e ajudando a impedir que a greve se alastrasse por todo o país, já que foram contra qualquer paralisação. Essa postura patronal é tudo em nome dos seus interesses financeiros e políticos e na defesa incondicional do governo Lula e do Presidente Fabiano. Saudamos os sindicatos da sua base que rechaçaram essa posição e por um período foram à greve.

FINDECT-CTB desmontou a greve sem vitórias

A direção da FINDECT-CTB, apesar de deflagrar a greve, não foi consequente até o final. Apostou mais uma vez na mediação com o TST e não na ampliação do movimento. Durante a greve não faziam piquetes ou mesmo atos de ruas. Apesar da nossa insistência, em nenhum momento quiseram defender a unificação da nossa greve com outros segmentos paredistas, como, por exemplo, o INSS. O desmonte da greve ocasionou vaias da base da categoria no Rio, que não concordava com o encerramento da greve sem uma vitória.

Construir uma nova direção - Venha para a Combate sindical

O resultado da greve não foi positivo por culpa também das direções das duas federações que não quiseram impor uma derrota à política do governo de congelamento salarial. Para isso atuaram dividindo a categoria ou não sendo consequente com a luta até o final.

No nosso entendimento, era possível arrancar o reajuste para agosto de 2024 e reduzir os valores do plano de saúde se tivéssemos uma direção sindical consequente na condução da campanha salarial e da própria greve.

É necessário superar essas direções burocráticas, construindo uma alternativa de direção que organize a luta sem o conchavo com o governo e os patrões. Chamamos cada ativista a se somar conosco na Combate sindical para fortalecer essa alternativa de direção para o movimento sindical ecetista.

Relato de trabalhadores grevista dos Correios:



Particpei das assembleias dos trabalhadores dos Correios após a deflagração da greve. A nossa greve foi legítima e motivada principalmente pelo alto custo do nosso plano de saúde.

Nesta última assembleia, após a reunião dos representantes sindicais com os representantes dos Correios, mediada pelo TST, decidimos pelo fim da greve, com pouquíssimos avanços comparados com a proposta que foi recusada na assembleia anterior.

Apesar da fala do nosso representante sindical, o fim da greve não foi decidido por ampla maioria. Uma boa parte, incluindo eu, queriam manter a greve. Os chefes sindicais vieram pra essa última assembleia decididos a terminar a greve. Organizações como a Combate, que apoiavam a greve, desta vez foram barrados.

Sobre o plano de saúde -- um dos principais motivos da greve --, só vão apresentar uma proposta para daqui a 60 dias.

Estamos trabalhando mais ainda, esperando melhoras nas nossas condições, com a sensação de que poderíamos conseguir mais.

Renato Plateiro, CDD de Osasco/SP



A greve no contexto geral foi boa. Teve uma mobilização muito maior que nos outros anos. Creio que essa mobilização tenha ocorrido por conta da situação degradante na qual a gente se encontra: muitas dificuldades e condições de serviço muito parcas, então, isso mexe com o lado crítico do trabalhador.

Aqui no CDD estávamos com praticamente 100% de

adesão.

Eu fui contra o fim da greve porque as nossas reivindicações não foram atendidas. Novamente a empresa vai dar um "cala boca" pros trabalhadores, abono. Nossa principal questão, o convênio, não foi resolvida. Isso é uma procrastinação. Por mim, a greve deveria ter ficado muito mais tempo.

Todo ano a gente entra em data base para poder resolver todas essas questões, e no fim das contas nada acontece. Ano passado foi a mesma coisa, todo mundo se mobilizou e se prontificou para poder parar, a maioria, pelo menos. A situação dentro da empresa está muito precária. Nós não temos um smartphone pra levar pra rua, e os clientes na rua reclamam porque não sabem do status do objeto, se é ausente, se é "mudou-se", sabe? Enquanto isso, a empresa está preocupada em dar um "cale-se" nos funcionários e ficar de boa. Só que ontem, na minha opinião, não tinha tanta gente assim favorável a voltar a trabalhar. Eu optei por não voltar, mas como a maioria referenda e vivemos em uma democracia, então acabei voltando, mas não estou satisfeito, assim como muitos colegas da minha unidade.

Edi, CDD Jardim Climax

Depois do dia 14, seguir a luta nas ruas pela educação

JEANE CARLA - candidata a vereadora de Uberlândia

ISADORA BUENO - Juventude Vamos à Luta SP

No dia 14/08, quarta-feira, os estudantes ocuparam as ruas de algumas cidades do Brasil em referência ao Dia do Estudante. A UNE e a UBES convocaram a data com o mote “- juros, + investimentos para a educação”. Os atos foram chamados em várias cidades do país, com convocatórias nas redes sociais e passagens em algumas escolas, a fim de mobilizar parte dos secundaristas. Nós, da Juventude Revolucionária Vamos à Luta, opinamos que o dia 14 deve ser apenas o pontapé inicial de uma jornada de lutas pelas pautas da educação.

A direção majoritária recua diante do governo Lula/Alckmin

Ainda que a UNE e a UBES tenham convocado os atos nacionalmente, com uma tímida crítica à política econômica do governo federal, infelizmente, pela falta de independência política em relação ao governo Lula, elas não são consequentes com as pautas dos estudantes e com a própria mobilização.

Em primeiro lugar, sobre a própria posição acerca das escolhas do governo é insuficiente apenas denunciar os altos juros: o desmonte da educação em curso há décadas e mantido pelo governo Lula tem a ver com a opção de manter os lucros e a exploração dos banqueiros e ricos via pagamento da ilegítima e fraudulenta Dívida Pública. Falar sobre os altos juros de maneira abstrata, sem citar o Arcabouço Fiscal e, por consequência, o que leva o governo a manter essas medidas (o pagamento religioso da Dívida), não está a serviço de denunciar o verdadeiro problema, para auxiliar em exigências que trariam uma real mudança para o cotidiano da educação pública brasileira.

Depois, o mote com que convocaram pouco ajuda na mobilização estudantil, porque não chama a atenção dos estudantes para os problemas de sempre. Além disso, os atos não foram convocados ou construídos pela base. Em São Paulo, uma cidade na qual os governos de extrema direita de Tarcísio e Nunes tentam avançar com seu projeto nefasto de privatização e militarização, a UMES convocou a marcha para 8 horas da manhã no MASP, sem propor ou construir paralisações nas escolas, o que impediu que os estudantes beneficiários de Bolsa Família ou Pé de Meia faltassem. Em Uberlândia, o DCE (PT e PV) não chegou a convocar o chamado da UNE, muito menos construiu a data pela base, mobilizando os estudantes e construindo assembleias, o que demonstra o compromisso de nossas entidades representativas com o governo e com a pouca disposição de construir as nossas lutas.

Por último, a UBES e a UNE evidentemente abandonaram a luta contra o Novo Ensino Médio. Em nenhuma das convocatórias, a majoritária citou o tema ou se colocou contrária. Pelo contrário: chegam a celebrar a sanção de Lula aos itinerários apenas nos vestibulares e Enem como uma vitória, sem denunciar que o governo sancionou o projeto com todo o seu caráter excludente, privatista e feito para aumentar ainda mais a disparidade entre as escolas públicas e particulares. Na prática, o governo federal manteve

Construir uma jornada de lutas

As últimas medidas do governo Lula/Alckmin têm comprovado que não podemos esperar passivamente que invistam na educação e não cortem nossos recursos, mantendo projetos como o NEM e o PL da uberização. Nada foi e nem será dado como presente; só a luta organizada pode garantir nossas vitórias. Por isso, o caminho é ocupar permanentemente as ruas, como fizeram os estudantes durante o governo nefasto de Bolsonaro no tsunami da educação. O dia 14 foi um pontapé inicial importante, tendo em vista que há muito tempo não havia convocação ou construção no Dia do Estudante. A partir disso, precisamos construir novas datas.

Exigimos da UNE, UBES e APG que chamem os fóruns do movimento estudantil para convocar um calendário, de forma que possamos nos organizar desde as bases das escolas, universidades e faculdades. E, em caso de que se neguem, o campo que lutou de maneira independente no último ato nacional, faça isso, organizando seus DCEs, CAs, DAs, grêmios estudantis e ativistas que querem ir para as ruas por outro projeto de educação, que esteja a serviço da classe trabalhadora e seus filhos. Com unidade entre os lutadores, podemos enterrar os projetos como o NEM e a militarização.



Cartazes durante o ato do dia 14 de Agosto

os principais pontos e o ataque aos jovens que estudam nas escolas públicas do Brasil e a UBES e a UNE apoiaram isso.

Fortalecer o campo das lutas

Frente à política vacilante das direções, em São Paulo, um polo conformado pelas juventudes que queriam encher as ruas, teve uma bancada independente, com o centro: “Contra a militarização e a privatização das escolas e pela revogação do NEM”, reais preocupações e ameaças à permanência dos estudantes nas escolas. Fizeram parte dessa construção inicial a UJR/PCR, Juntos/MES, UJC/PCBR e nós, da Juventude Vamos à Luta/CST, ampliando para os companheiros que estavam dispostos a dar essa batalha, como o Rebeldia/PSTU, UJC/PCB e Juventudes Sem Medo.

Consideramos um passo fundamental a unidade desse setor, como defendemos desde o último CONUBES, para construir as mobilizações cotidianas nas escolas e universidades sem pelegar, mas também para forjar, nessas lutas, uma nova direção para o movimento estudantil. É preciso uma direção que tenha independência dos governos para não recuar diante da necessidade de enfrentá-los, já que nos atacam com suas políticas para fazer com que os bilionários enriqueçam mais e nós sofram com a crise capitalista, saindo das escolas e universidades e nos mantendo nos tramos mais precários, como pela escala 6x1 e aplicativos. Por isso, chamamos os companheiros da UJR, Juntos, UJC, Rebeldia, Faísca Revolucionária e Já Basta a exigirem e construir novas reuniões e mobilizações pelas nossas pautas.



Repudiamos a agressão aos estudantes na UERJ

Todo apoio à ocupação! Revoga aeda da fome!

HUNTER BARROS SEPÚLVEDA - Juventude Vamos à Luta

Enquanto fechamos esta edição, se desenvolve uma forte luta na UERJ. Os estudantes da UERJ estão lutando pela permanência estudantil e contra a AEDA da Fome, uma portaria lançada pela reitoria de Gulnar que mudou os critérios para recebimento dos auxílios estudantis, reduzindo drasticamente o número de bolsas e ameaçando a permanência estudantil de mais de 5300 estudantes. Após essa medida, que foi tomada durante as férias, estudantes em luta da universidade ocuparam a reitoria. O movimento cresceu e a ocupação foi ampliada para o prédio central da universidade, também para outros Campi.

Em vez de atender a pauta dos estudantes, na semana passada a reitora Gulnar ordenou que os seguranças trancassem os portões para impedir o acesso de estudantes e funcionários ao campus e para remover de forma truculenta os estudantes da ocupação. O bandeirão também foi fechado para impedir os estudantes que dependem do RÚ de se alimentarem, jogando a comida preparada fora. Os estudantes da ocupação da UERJ foram duramente reprimidos e agredidos por seguranças na manhã do dia 15/08. No dia 19/08, os estudantes realizaram uma das maiores assembleias da história. No dia



Assembleia da ocupação dos estudantes da UERJ

20/08, estudantes foram novamente agredidos por conselheiros ligados à reitoria da falsa esquerda. Os estudantes realizaram um forte ato e retomaram a ocupação de todo o prédio central da UERJ, dando um exemplo de luta.

Nós, da Juventude Vamos à Luta, repudiamos essas medidas autoritárias da reitoria.

O Governador corrupto e genocida Cláudio Castro, que tenta impor a militarização das escolas, corta a verba da Educação no Estado do Rio de Janeiro. A reitoria da UERJ, em vez de ir contra as medidas de planos de ajuste da extrema direita, as aplica e reprime a legítima

mobilização dos estudantes que lutam contra a precarização da educação e pela permanência estudantil, criminalizando o movimento estudantil.

A reitoria mais uma vez se recusa a debater e dar fim à AEDA da Fome.

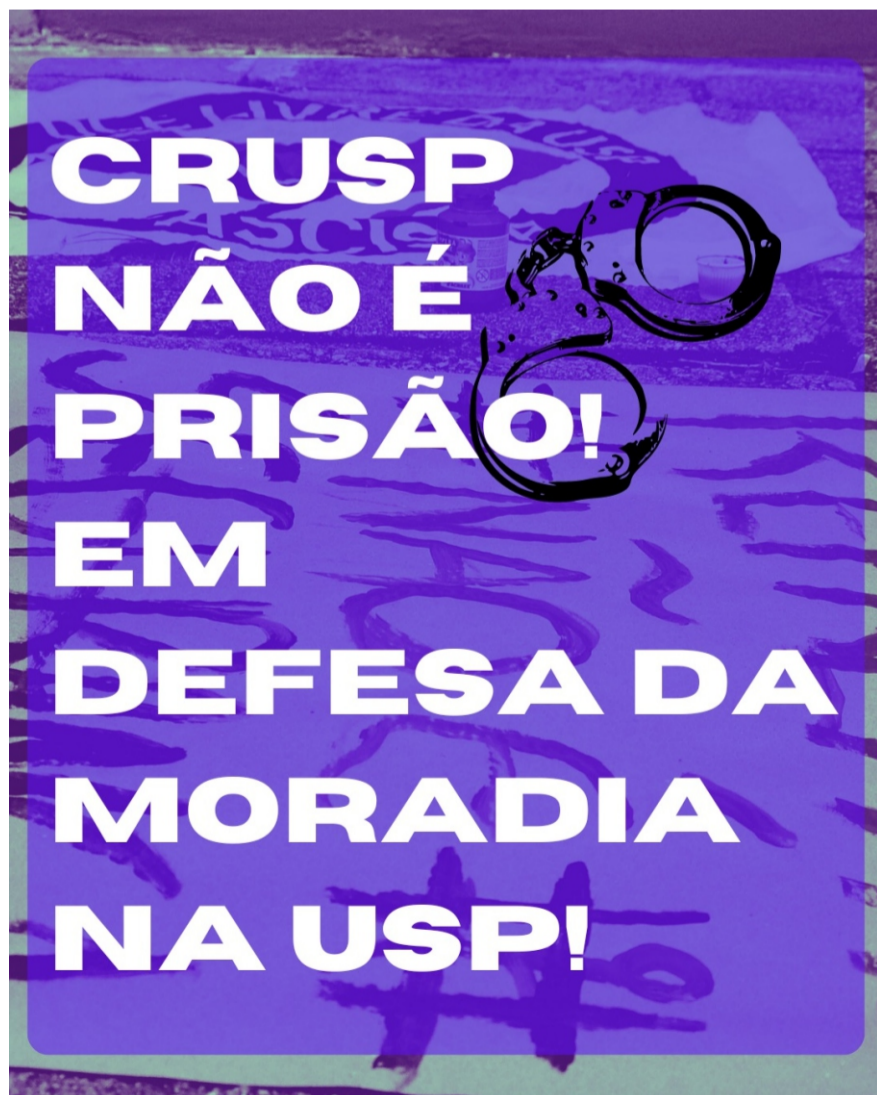
Todo apoio e solidariedade à luta e à ocupação dos estudantes em greve da UERJ!

Fora Cláudio Castro!

REVOGAAEDA DA FOME!

CRUSP não é prisão!

Em defesa da moradia na USP!



PEDRO, NARA E IGOR - moradores do CRUSp e da Frente CRUSP contra as grades

O CRUSP (Conjunto Residencial da USP) se localiza no Campus Butantã da USP, no município de São Paulo. Ali passaram grandes figuras da política combativa, adentrando o período ditatorial e tornando-se uma força de resistência contra o regime militar. Hoje, o cenário é outro, e como resultado da política conciliadora com o governo do estado por parte da Reitoria da USP, houve uma atomização da experiência universitária dos moradores, com a individualização dos espaços e ao longo de décadas a destruição de todos os espaços de convivência.

O CRUSP atualmente, devido à política de cotas, possui a população mais vulnerável, contando com um grau muito maior de pretos, pardos e indígenas, ao longo da população trans e de baixa renda quando em comparação a períodos anteriores. Coincidentemente, hoje existem esforços que moradores do período ditatorial remetem como pior do que em seu período, como o novo esforço da Reitoria de instalar grades que expulsariam, do dia para a noite e infringindo os direitos humanos, os moradores “irregulares”, nos quais muitos têm vínculo com a universidade e que não conseguiram adentrar regularmente pela má administração das vagas e apartamentos vazios ou inutilizáveis, alegando falta de manutenção.

Na manhã do dia 14 de agosto de 2024, a PRIP (Pró-Reitoria de Inclusão e [des]Pertencimento) tentou instalar as grades primeiramente no prédio mais sucateado, combativo e resistente do CRUSP, o Bloco F. Foi rapidamente barrada pelos moradores que desceram e começaram a fazer cartazes em forma de protesto contra o autoritarismo da reitoria. Em seguida, iniciaram a instalação no Bloco G pela surdina, junto com a guarda e pessoas envolvidas com a Avante (gestão anterior da Amorcrusp), que tentaram bloquear a passagem dos estudantes para impedir a mobilização.

As grades vão servir, inicialmente, para burocratizar coisas simples como visitas que vão ser anotadas na portaria, que deverão ser assinadas pela Divisão de Promoção Social. Até mesmo moradores de outros blocos não ficaram isentos no novo regulamento, o último passo para a total exclusão social da moradia.

Estamos em luta contra as grades e em defesa da moradia estudantil na USP. Pedimos o seu apoio a essa mobilização.

Vote na esquerda independente

BARBARA SINEDINO, CANDIDATA A VEREADORA NO RJ - 16160

Entamos em uma eleição polarizada: de um lado a extrema direita bolsonarista, que é nossa inimiga, que já governou o país, que tentou dar um golpe para instalar uma ditadura; que atacou nossa aposentadoria e nossos direitos trabalhistas com a reforma trabalhista e a reforma da previdência; que tem um projeto autoritário, de fome, e que precisa ser esmagado nas ruas.

E do outro lado está a frente ampla de Lula-Alckmin: que governa o país e que provocou greves que lutaram ou ainda estão lutando por salários, por melhores condições de trabalho, por concursos públicos, contra a entrega dos hospitais federais e em defesa do meio ambiente. O governo Lula-Alckmin provocou essas greves porque tem como base para a sua política econômica o Arcabouço Fiscal, um novo teto de gastos mais elaborado do que o Temer fez, para estrangular os investimentos nas áreas sociais, os salários do funcionalismo e seguir mantendo o compromisso com a dívida pública, que consome 43% do orçamento nacional, chegando a cifras de 2 trilhões de reais. Recentemente o governo fez cortes violentos de 15 bilhões de reais que vão atingir 30 dos 31 ministérios, como 4,4 bilhões da saúde e 1,3 bi da educação, por exemplo. Esse mesmo governo sancionou o Novo Ensino Médio que precariza a função docente e o ensino para os estudantes mais pobres.

Nós, candidatas socialistas e revolucionárias da CST, dizemos que votar na frente ampla para derrotar o bolsonarismo não é a saída para os nossos problemas. Infelizmente, Lula mantém figuras bolsonaristas no governo (vide o ministro Fufuca bolsonarista, Campos Neto no Banco Central, etc) e persegue e criminaliza

greves, prática da extrema direita.

Por isso, nos apresentamos como alternativa da **ESQUERDA INDEPENDENTE**. Estamos aliadas ao PSTU para as prefeituras, em chapas da esquerda independente, sem os patrões, afirmando que precisamos de um governo de trabalhadoras e trabalhadores, com um programa para:

- Revogar as reformas trabalhista e da previdência e o Novo Ensino Médio;
- Reestatizar as empresas privatizadas e estatizar o sistema financeiro;
- Parar de pagar a dívida pública para ter dinheiro para:
- Atender as justas pautas das greves em curso;
- Lutar por reajuste automático de salário junto com a inflação; para reduzir a jornada de trabalho sem reduzir os salários, por planos de obras públicas para garantir emprego e renda;
- Ampliar os investimentos no SUS, nas universidades, nas escolas e nas empresas estatais;
- Reduzir o preço da gasolina, do gás, da luz, do saneamento e por transporte público e gratuito em todas as cidades;
- Por moradia para os sem-teto e reforçar políticas para o povo negro, indígenas, população LGBTQIA+ e pessoas com deficiência;
- Por atendimento às mulheres que sofrem violência machista e pelo direito ao aborto legal, seguro e gratuito pelo SUS; contra o capacitismo;
- Contra o racismo e o genocídio do povo negro nas periferias, pelo fim da PM;
- Em defesa das políticas ambientais e pela expropriação das grandes empresas

agropecuárias e todas as empresas poluidoras sob controle dos/as trabalhadores/as.

Tudo isso só é possível se construirmos um governo das trabalhadoras e dos trabalhadores, sem patrões, para que governem os que nunca governaram.

Nossas pautas são de enfrentamento aos patrões, à burguesia, e para concretizar esse programa temos que nos amparar em fortes mobilizações populares que possam enfrentar o capitalismo, para construir uma transformação profunda e radical. Um governo da classe trabalhadora, sem patrões, e um Brasil socialista.



Vote Barbara Sinedino 16160

Impulsionar a luta das mulheres nas ruas e nas eleições

ANDRESSA ROCHA, CANDIDATA A VEREADORA EM BELO HORIZONTE - 16160

Foi dada a largada da campanha eleitoral de 2024 e nós, candidatas socialistas e revolucionárias da CST, colocamos nossas campanhas a serviço das lutas e pautas das trabalhadoras e trabalhadores. Como candidaturas feministas, elencamos as pautas das mulheres com muita seriedade.

A violência contra a mulher cresceu. Em 2023, a média foi de um feminicídio a cada seis horas no país, sendo que São Paulo e Minas Gerais são os dois estados com maior número de feminicídios, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Além disso, o aborto inseguro é uma das cinco principais causas de morte materna no nosso país, dado divulgado pela OMS. E as mulheres negras são as principais vítimas, restando muitas vezes apenas a opção de realização de procedimentos inseguros.

Pautamos a importância da legalização do aborto. Recentemente o movimento feminista protagonizou uma importante luta contra o PL1904, o PL da gravidez infantil, que tinha o

intuito de criminalizar o aborto a partir da 22ª semana, mesmo nos casos já previstos em leis, como aqueles de gestação proveniente de estupro. Um duro ataque, que o movimento de mulheres respondeu a altura. Fomos parte das mobilizações que derrotaram o PL e defendemos que é importante seguir mobilizando e em luta até que se legalize o aborto. Por isso, dizemos: educação sexual para decidir, contraceptivos para não abortar e aborto legal, seguro e gratuito para não morrer. O exemplo da mobilização feminista contra o PL1904 nos mostra que o caminho para conquistar nossas pautas é através da luta e mobilização nas ruas e que o movimento feminista deve ser independente dos governos e patrões. Nosso programa defende o fim do feminicídio e da cultura do estupro, contra o assédio moral e sexual, por políticas públicas de proteção à mulher; educação sexual nas escolas, aborto legal, seguro e gratuito no SUS e amplo acesso a contraceptivos.



Vote Andressa Rocha 16160

Por uma São Paulo a serviço da classe trabalhadora

LORENA FERNANDES, CANDIDATA A VEREADORA EM SP - 16160

Em São Paulo, a extrema direita do prefeito Ricardo Nunes (MDB), ao lado do governador Tarcísio e com o apoio de Bolsonaro, tem colocado uma vida cada vez mais dura sobre a classe trabalhadora e a juventude. Querem destruir os serviços públicos com as privatizações, como recentemente fizeram com a Sabesp (serviços de água e saneamento) e querem privatizar o Metrô e a CPTM (trens).

Nunes e Tarcísio também estão juntos na política de militarização e privatização das escolas públicas. Tarcísio aprovou o projeto de escolas cívico-militares e Nunes não demorou para declarar que seguiria o mesmo projeto para as escolas municipais. Neste momento, o projeto está suspenso por uma ação da justiça movida pela mobilização da comunidade escolar. Precisamos seguir mobilizados até enterrar a militarização nas escolas e seguir na luta contra a precarização, o assédio e pela nomeação e efetivação dos professores temporários.

Essa extrema direita é reacionária e ataca os direitos das mulheres e pessoas que gestam. Nunes fechou os serviços de aborto legal no Hospital Nova Cachoeirinha. Nunes e Tarcísio também têm uma política de extermínio da juventude negra e periférica e querem expulsar os mais pobres do centro da cidade, no bairro de Campos Elísios, que abriga a Favela do Moinho com centenas de famílias. Apoiamos integralmente a mobilização construída por moradores da Favela do Moinho e dos cortiços e ocupações contra a ação de despejo do governo.

Boulos e Marta não são a saída

A Frente Ampla de Boulos (PSOL) e Marta (PT) não apresenta uma alternativa para transformar essa dura realidade. Boulos convidou para a sua equipe de campanha ninguém menos que Gasparin, ex-comandante da ROTA, uma polícia herdada da ditadura militar e especializada em assassinar jovens negros e de periferia e em reprimir os movimentos sociais. Boulos e Marta também buscam o apoio da Faria Lima, principal setor do

capital financeiro no país. Atender às exigências desse setor significa colocar o povo trabalhador em péssimas condições de vida. Além disso, Marta esteve até o último minuto na prefeitura do bolsonarista Ricardo Nunes.

Não é coincidência que Boulos esteja ausente nas greves da nossa classe. As greves do INSS, Saúde Federal, Meio Ambiente, Correios e do Metrô, Sabesp e CPTM não contaram com o apoio de Guilherme Boulos, que também se cala diante do massacre ao povo palestino.

Vote na Esquerda Independente em São Paulo

A CST está com os companheiros Altino metroviário e Silvana do PSTU pra prefeitura de São Paulo, em uma aliança da esquerda independente, sem a patronal e sem governos. Defendemos um programa revolucionário para a cidade de São Paulo e que sirva para impulsionar as mobilizações do povo trabalhador e da juventude. Nos enfrentamos com o arcabouço fiscal, os cortes das áreas sociais e a Lei de Responsabilidade Fiscal! Contra as privatizações e reestatização dos serviços privatizados, como a ENEL! Contra a especulação imobiliária e remoções e pela redução dos aluguéis! Pelo IPTU progressivo! Que os donos das mansões sejam taxados! Pela nomeação/efetivação dos professores temporários, contra a militarização e privatização das escolas públicas e pela revogação do NEM! Pela abertura imediata dos serviços de aborto legal do Hospital Nova Cachoeirinha e pelo aborto legal, seguro e gratuito! Verbas para o combater a violência de gênero, o racismo e a LGBTQIA+fobia! Assim, avançar para construir um governo da classe trabalhadora, sem patrões, rumo a um Brasil socialista!



A situação de vida da juventude é de precarização

JEANE CARLA, CANDIDATA A VEREADORA EM UBERLÂNDIA - 16160

Com o aprofundamento da crise, o capitalismo imperialista e seus governos tentam jogar a conta da crise nas costas da juventude pobre. A realidade dos jovens filhos da classe trabalhadora é de precariedade: amargam em longas jornadas de trabalho 6X1 sem nenhum direito, evadem das universidades/escolas por falta de políticas efetivas de permanência por parte dos governos ou por terem que escolher entre estudo ou trabalho para ajudar a completar a renda familiar.

Mas, ao mesmo tempo, nós vemos a juventude se organizando mundialmente para responder aos ataques dos governos capitalistas. Internacionalmente, temos exemplos importantes: a luta da juventude argentina organizada contra o governo nefasto de extrema direita de Milei, com protestos massivos nas ruas contra seu plano motosserra e a sua tentativa de privatizar as universidades públicas, destinando o orçamento do país para o FMI e cortando da educação pública. A juventude, em cada canto do mundo, mobiliza-se em apoio à resistência do povo palestino, ocupando diversas universidades pelo fim do genocídio perpetrado por Israel, dando o tom de como se conquista uma Palestina livre, unificada, democrática e não racista.

No Brasil, tivemos greves estudantis que enfrentaram a política do governo Lula de ajuste fiscal promovido pelo Arcabouço fiscal. A exigência dos estudantes era a urgente recomposição orçamentária das universidades,

denunciando que a educação pública federal não é uma prioridade para o governo. Infelizmente, as direções do movimento estudantil, UNE e UBES, boicotaram a greve nacionalmente, se recusando a construir um comando de greve para nacionalizar as greves estudantis, demonstrando o seu compromisso com o governo Lula-Alckmin.

A juventude revolucionária Vamos à Luta reivindica todas as lutas da juventude em curso. Acreditamos que a saída para a situação de precarização de nossas vidas é a mobilização nas ruas combativa e independente dos governos. Dessa maneira, conseguiremos as pautas urgentes que necessitamos, como a imediata revogação do Novo Ensino Médio, verbas para a educação e não para a Dívida Pública, mais auxílios e bolsas para as universidades e escolas, contra a militarização das escolas, 10% do PIB para a educação, passe livre, fim da escala 6X1 e fim do vestibular. Nesse sentido, fazemos uma exigência à UBES e à UNE que encampem as lutas da juventude com independência do governo Lula e com calendários de mobilizações nas ruas, para conquistarmos nossas demandas.

Em Uberlândia, chamamos todo mundo a votar 16, para conseguirmos pautar e conquistar as reivindicações da juventude nas ruas e nas urnas. Para defender a educação e a revogação do NEM, estamos com Jeane Carla, da CST, para vereadora e Gilberto Cunha, do PSTU, para prefeito. Precisamos de candidaturas da

esquerda independente, sem patrões, para resolver os problemas da juventude e dos trabalhadores, assim como para combater a extrema direita da cidade, representada pela chapa do Paulo Sérgio, e que não fechem com a frente ampla, representada pela candidatura da Dandara, que não apresenta um programa de saída para resolver os problemas da juventude e dos trabalhadores e aceita aliança patronais, como um vice do PSD.



Greve do INSS:

“A ocupação ocorreu em um momento que o governo fechou as negociações conosco”

Há cerca de um mês a FENASPS iniciou uma greve nacional. Em SP participamos desde o início dos atos e mobilizações organizados pelo SINSPREV na cidade de SP. Na última semana apoiamos a ocupação da superintendência do INSS, com um apoio ativo e presencial na ocupação. Dentro dessa luta radicalizada entrevistamos Thaize Antunes, Diretora do SINSPREV, FENASPS e do Comando Nacional de Greve da categoria. Entre reuniões com grevistas, uma plenária nacional da FENASPS e as atividades da ocupação, a companheira encontrou tempo para responder as nossas perguntas. A seguir oferecemos aos nossos leitores e leitoras a voz de uma das lideranças dessa greve. Após ler, some seu apoio aos grevistas do INSS. A libertação da classe trabalhadora será uma obra da própria classe trabalhadora.

COMBATE SOCIALISTA: Quais as reivindicações da greve do INSS?

Thaize Antunes: Elas giram em três eixos: reestruturação de carreira, pauta remuneratória e melhoria das condições de trabalho pra atendimento à população.

CS: Quais as atuais condições de trabalho no órgão?

TA: Temos um órgão sucateado, parte tecnológica obsoleta. O governo anterior (Bolsonaro) precarizou muito a questão do atendimento à população, e a maioria do atendimento é direcionada aos canais remotos, com pouca acessibilidade nas agências do INSS, poucos servidores. Entendemos que a maioria da população brasileira não tem acesso pleno às tecnologias, e isso cria uma restrição de acesso.

CS: O que motivou a ocupação da superintendência em SP?

TA: A ocupação ocorreu em um momento que o governo fechou as negociações conosco. Tentou dar um ultimato dizendo que tínhamos um prazo para aceitar a proposta, que é somente salarial. Temos também o descumprimento de um acordo de greve de 2022, e além da judicialização da greve, o governo mandou cortar o ponto de uma forma nunca vista antes. Foi 100% de salário, o que apareceu na prévia do contracheque no sábado. Na segunda, o comando estadual de greve de São Paulo decidiu pela ocupação como um ato político, protestando contra o corte, e pedindo a intermediação do presidente do INSS e do ministro da previdência para reabrir as negociações com o MGI.

CS: Qual a importância do INSS para a classe trabalhadora?

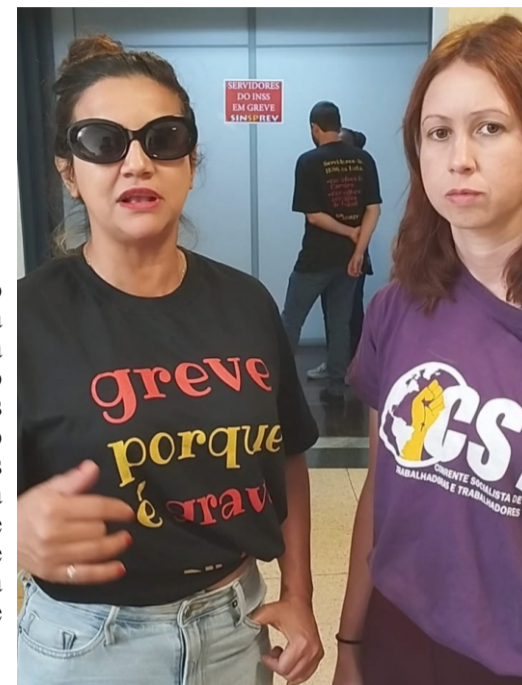
TA: Nós entendemos que o INSS é um órgão vital para o Estado brasileiro,

responsável pela distribuição de renda de grande parte da população brasileira. A renda obtida com os benefícios do INSS é maior em vários municípios, do que o fundo de participação dos próprios municípios. E ainda é uma das maiores distribuidoras de renda da América Latina, e então deveria ter uma finalidade estritamente social.

CS: Como podemos apoiar essa luta?

TA: A solidariedade de classe dos companheiros que estiveram aqui foi muito importante. Nos espaços em que estiverem, divulgando a greve e colocando a nossa pauta, que transcende uma luta somente corporativa. A gente está lutando contra a Reforma Administrativa, que está sendo feita de forma infralegal, e na luta por uma Previdência pública e solidária.

A ocupação continua. Nós estamos aí finalizando o dia. Ontem nós tivemos um avanço, com uma reunião com o presidente do INSS e com a sinalização de uma reunião com o ministro da previdência, e a ocupação acabou cumprindo a sua finalidade. Nós conseguimos também uma audiência por videoconferência, que deve ocorrer agora no fim da tarde com o presidente do INSS, então vamos encerrar a ocupação hoje, no final da noite.



Thaize Antunes e Lorena Fernandes durante a ocupação do INSS

Contra a expulsão dos trabalhadores do centro de São Paulo



Ato em defesa da ocupação da favela do Moinho

MATEUS PEREIRA - Educação em Combate

São Paulo enfrenta um sério problema de saúde, moradia e segurança pública, alimentado pela especulação imobiliária e as milícias da PM e Guarda Municipal. Os aluguéis estão cada vez mais caros e a crise social assola brutalmente a classe trabalhadora.

Tarcísio e Nunes mentem ao dizer que querem resolver essa crise, pois não enfrentam a especulação imobiliária, ao contrário, só a alimentam com novos apartamentos caríssimos, construídos em cima de antigas pensões e ocupações que foram derrubadas. Além desses imóveis, o estado pretende desalojar diversas quadras ao redor da parque Princesa Isabel para deslocar a sede administrativa do governo para a região, garantindo, assim, os interesses das grandes empreiteiras. Esse processo está sendo marcado por muita violência com as operações policiais, prisões arbitrárias, desocupações e uma guerra aberta contra os mais pobres. Está nos planos a desocupação da favela do Moinho, uma comunidade composta por centenas de famílias.

Contra esse plano, no último dia 22/08, os moradores do bairro realizaram um forte ato e fecharam a Rio Branco. Nós defendemos que o bairro seja revitalizado, garantindo que os moradores atuais tenham suas moradias. Que apartamentos e prédios ociosos sejam cedidos imediatamente para a população mais carente e que as moradias precárias sejam revitalizadas e entregues a seus moradores. Pelo fim imediato das operações policiais na favela do Moinho e contra os moradores do centro.

Moinho fica, Tarcísio sai!

Um debate com as propostas de Guilherme Boulos (PSOL)

DIEGO VITELLO - Coordenação Nacional da CST

O candidato do PSOL, Guilherme Boulos, se apresenta como principal opositor do atual prefeito, Ricardo Nunes (MDB). Muitos dos nossos colegas de trabalho e de estudo veem com simpatia essa candidatura. De nossa parte, não vemos da mesma forma. Ao mesmo tempo em que repudiamos as candidaturas bolsonaristas, como de Nunes e Pablo Marçal (PRTB), não acreditamos que o programa levantado por Boulos irá avançar na resolução dos graves problemas sociais que existem em nossa cidade. Com esse texto, buscamos discutir por que as propostas do candidato apoiado por Lula nesta eleição não são a alternativa que São Paulo precisa.

O candidato do PSOL alinhado a um projeto nacional

Esta eleição municipal já está sendo muito nacionalizada. Cada vez mais, não há como desvincular as candidaturas à prefeitura da discussão política instaurada no país. Por isso, Boulos tem Lula como seu principal “cabo eleitoral”. O atual mandato do presidente está longe de avançar na resolução dos maiores problemas no país. Em alguns casos, os problemas têm sido aprofundados. O meio ambiente vem sofrendo cada vez mais. Queimadas no Pantanal batem recordes. Lula privilegia o agronegócio com o Plano Safra e, portanto, aprofunda a destruição ambiental. O Arcabouço Fiscal é o pilar da política econômica do governo petista. Não passa de uma política neoliberal, voltada ao pagamento da dívida pública aos banqueiros e que, neste ano, condenou a maioria das categorias do serviço público federal ao congelamento salarial.

É importante citar que a candidata a vice-prefeita na chapa de Boulos, Marta Suplicy, esteve até o início deste ano como Secretária de Relações Internacionais do governo Ricardo Nunes. Enquanto Nunes pousava ao lado de Bolsonaro e propunha projetos de destruição dos serviços públicos, Marta seguia em seu governo. Além disso, a petista votou favoravelmente à Reforma Trabalhista em 2017,



Marta Suplicy e Ricardo Nunes

enquanto era senadora. Poderíamos citar mais

muitos exemplos, porém a essência do projeto lulista, de conciliação de classes, tem mostrado que não trará nenhuma mudança profunda na vida da classe trabalhadora.

Moradia: ou se combate a especulação imobiliária ou se compactua com ela

Em São Paulo, existe um déficit habitacional de 400 mil moradias. Esse número contrasta com o absurdo número de 590 mil imóveis vazios. Destes, a ampla maioria serve para fins de especulação imobiliária. Aqui não há meio termo: ou se acaba com a farra da especulação imobiliária, colocando as moradias vazias para quem não as tem, ou o problema não será resolvido. Apesar das críticas à especulação imobiliária, o psolista não coloca a necessidade de enfrentá-la até o final. Além disso, Boulos não coloca em nenhum momento a taxa de pesada dos imóveis de luxo. Os ricos de São Paulo precisam pagar mais impostos ou seguiremos vendo nossa cidade cada dia mais desigual.



Transportes: propostas genéricas não resolvem o problema



O transporte público do município de São Paulo é controlado por meia dúzia de multimilionários. Sem reverter essa situação, não podemos avançar para uma melhoria definitiva nos ônibus da cidade. Boulos fala em “expandir a tarifa zero”, sem deixar claro o que seria exatamente isso. O transporte público é uma das partes mais elementares do direito à cidade. É um verdadeiro absurdo que ainda paguemos para ter nosso direito de ir e vir. Porém, o que o candidato do PSOL não coloca é a necessidade de que o transporte público seja estatal. Para ter transporte gratuito e de qualidade, é necessário retirar das mãos das empresas privadas o controle das frotas de ônibus da capital paulista. Porém, Boulos não se propõe a isso. Fala também em “aumentar a fiscalização”, porém não coloca a necessidade de estatização. Somente com um transporte totalmente estatal, voltado aos interesses da população trabalhadora e não de meia dúzia de mega empresários, é que poderemos de fato resolver essa situação.



Guilherme Boulos e Marta Suplicy, candidatos da Frente Ampla

Segurança pública: ex-comandante da ROTA só tem a oferecer mais repressão



O ex-comandante da ROTA, Alexandre Gasparian

Uma das notícias dos últimos meses que ganhou enorme destaque na campanha de Boulos foi a nomeação do ex-comandante da ROTA, Alexandre Gasparian, como seu consultor para elaboração do programa para a segurança pública. A ROTA, em São Paulo, é conhecida como a “tropa de elite” da PM. É o setor da polícia que mais mata. Enquanto nas ruas defendemos há anos o fim da PM, pelos assassinatos diários contra o povo pobre e negro, a chapa PSOL/PT coloca um ex-comandante dessa tropa assassina para ajudar a formular políticas de segurança. Além disso, Boulos propõe dobrar o efetivo da Guarda Civil Municipal, sem questionar o caráter atual desta polícia a serviço do município. O que vemos por parte da GCM tem sido constantes investidas violentas contra pessoas em situação de rua, ambulantes etc. Ou seja, sem questionar e mudar completamente o papel da GCM, dobrar o efetivo, como propõe Boulos, vai dobrar também a repressão contra o povo trabalhador.

Altino 16 e Professora Lorena 16160: um voto para fortalecer as nossas lutas

Diferentemente da candidatura de Boulos, nossas candidaturas propõem uma política de enfrentamento aos multimilionários que comandam a nossa cidade. Os donos de dezenas de imóveis e das frotas de ônibus, assim como os ricos dos escritórios de luxo da Faria Lima, devem ser combatidos. Confira nossas propostas nas páginas centrais do nosso jornal e venha conversar conosco.

Como conquistar um Brasil Socialista?

Em nossa última edição divulgamos um Programa operário e popular para tirar o Brasil e nossas cidades da crise, com o qual a CST realizará a campanha eleitoral da esquerda independente. Ao final dele, falamos que essas medidas somente serão conquistadas com um governo da classe trabalhadora, sem patrões, e um Brasil Socialista. Muitos de nossos leitores e leitoras podem se perguntar “como seria isso?”. Então, vamos explicar a proposta programática das candidatas socialistas e revolucionárias da CST.

O Brasil capitalista não é bom para a classe trabalhadora

A origem de nossos problemas encontra-se no Brasil capitalista de hoje. Os patrões brasileiros e estrangeiros se apropriam de nossas riquezas e nos exploram. O governo da frente ampla de Lula-Alckmin governa com e para eles, como vemos nos cortes de verbas das áreas sociais, no Arcabouço Fiscal que congela salários. A subordinação de Lula ao imperialismo pode ser vista na atual organização do G20 em nosso país.

A extrema direita nem se fala. Por eles estaríamos em uma ditadura militar, onde se prende e tortura opositores.

Enquanto estivermos no capitalismo e os patrões e seus representantes nos governarem, seremos explorados. Sem sair do capitalismo, o povo trabalhador está ameaçado pela crise social, econômica e ambiental, como vimos no Rio Grande do Sul. Por isso lutamos todos os dias contra as direções pelegas e burocráticas que defendem os capitalistas e seus governos. Exigimos que CUT, CTB, Força, UNE, UBES e MTST sejam independentes do governo Lula-Alckmin. E nas eleições não compomos a frente ampla de Lula e Boulos; construímos uma esquerda independente dos patrões. A CST está num mesmo campo eleitoral com PSTU, MRT, SoB e Emancipação Socialista e propomos que ele avance para ações em comum.

Construir uma ponte para o socialismo

Defendemos um projeto baseado na mobilização e organização. Só assim podemos batalhar para tirar o poder das mãos dos patrões, romper com o imperialismo e construir um Brasil da classe trabalhadora e dos setores populares. É a revolução brasileira. É uma luta dura para construir um governo da classe trabalhadora, sem patrões, e um Brasil socialista.

O fato é que nossas reivindicações mais básicas se chocam com a propriedade privada capitalista. Nossas reivindicações por emprego e salário se chocam com o pagamento da dívida ao sistema financeiro. Os governos aplicam planos de austeridade para favorecer os patrões e as multinacionais. Então nas lutas, aqui e agora, temos de construir um sistema de reivindicações que se volte cada vez mais diretamente contra as estruturas e instituições dos bilionários capitalistas. Impulsionando os operários e operárias para uma política independente. É o Programa de Transição da IV Internacional, que através da UIT-QI lutamos para reconstruir. São medidas transitórias, que partem das atuais condições e consciência de amplas camadas da classe operária e conduzem, invariavelmente, a uma só e mesma conclusão: a conquista do poder pela classe trabalhadora e setores populares. Para expandi-la numa América Latina socialista. Algo que só conquistaremos com uma poderosa mobilização e muita organização operária e popular.

Um programa operário e popular

Nossa mobilização vai partir dos temas mais sentidos, das necessidades mais básicas. O Arcabouço Fiscal capitalista aumenta o arrocho e os ataques aos serviços públicos. Por isso, é necessário lutar por medidas urgentes que atendam às demandas da classe trabalhadora e dos setores populares. Para sair do desastre que nos levaram os sucessivos governos patronais, a CST propõe as seguintes medidas urgentes:



+



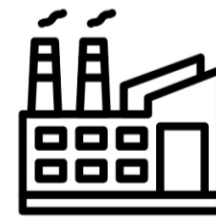
-Por reajuste salarial e em defesa do emprego! Defendemos reajuste e reposição automática de acordo com a inflação. Redução da jornada de trabalho sem redução de salários;

-Pela revogação das contrarreformas trabalhista, previdenciária e do NEM! Redução dos preços dos alimentos, tarifas de combustível, água, luz, gás e internet;



-Pelo não pagamento da dívida! Pela taxação de bilionários, empresas e multinacionais! Reestatizar as empresas privatizadas e estatizar o sistema financeiro! Realizar um controle efetivo do câmbio, do comércio exterior e garantir crédito barato para os pequenos produtores;

-Expropriação dos bancos e unificação de todos, gerando um único banco nacional sob controle dos trabalhadores. Expropriação das grandes empresas e multinacionais.



Governo da classe trabalhadora e Brasil Socialista

É evidente que nenhum governo capitalista, como o da frente ampla de Lula está demonstrando, pode tomar essas medidas. Portanto, ao lutar por elas, enfrentando os limites da ordem capitalista e seus governos e instituições, estamos batalhando para construir a ponte para o socialismo. São medidas transicionais. Com essas

medidas, podemos garantir recursos para salários, empregos, serviços públicos, empresas estatais e um plano de obras públicas. Para moradia, meio ambiente, para as demandas do movimento de mulheres, negro e LGBTQIA+ e medidas anticapacitistas. E isso só será garantido por um governo da classe trabalhadora, sem patrões, e

um Brasil socialista. Essa é a proposta que defendemos nas lutas e nas eleições através das campanhas de Bárbara Sinedino, Lorena Fernandes, Andressa Rocha e Jeane Carla. Vem com a gente! Entre na campanha e ingresse na CST! Ajude a construir a batalha eleitoral da esquerda independente!

Venezuela: Campanha de Liberdade aos presos por protestar

POR IMPRENSA DA UIT-QI

Caracas, 19 de agosto de 2024. Em 29 de julho, após o anúncio dos resultados das eleições que deram a vitória ao presidente Nicolás Maduro, uma onda de protestos foi desencadeada nos bairros e setores populares de Caracas e em muitas outras cidades do país. Convencidos de que havia ocorrido uma fraude eleitoral, dados os vários fatos que cercaram o anúncio e, mais ainda, a prematura proclamação oficial do "vencedor" algumas horas depois, sem finalizar os totais, sem auditorias ou apoio de qualquer tipo, milhares saíram às ruas para expressar sua rejeição.

O esmagador protesto popular foi sufocado por uma resposta brutalmente repressiva. A partir da tarde de segunda-feira, dia 29, o governo foi impondo sua ordem, contingentes das forças de segurança do Estado (polícia e componentes das Forças Armadas, como a Guarda Nacional), juntamente com grupos parapoliciais armados, reprimiram violentamente as manifestações. A ocupação das entradas dos bairros e inúmeras invasões de casas completaram a ofensiva.

Entre segunda-feira, 29, e terça-feira, 30, foram mortas 25 pessoas, de acordo com organizações de direitos humanos e com a própria Procuradoria Geral da República; há cerca de 2.200 presos, de acordo com o presidente Maduro, e 1.406, de acordo com organizações não governamentais. Noventa e cinco por cento das pessoas presas são de áreas populares, assim como quase todas as vítimas fatais. Essa repressão está sendo descarregada principalmente sobre as classes trabalhadoras. Há 117 adolescentes, 185 mulheres, 17 pessoas com deficiência e 14 indígenas. Os prisioneiros podem ser condenados a penas que variam de 25 a 30 anos de prisão por "terrorismo" e de 10 a 20 anos de prisão por "incitação ao ódio".

Nós, que assinamos esse comunicado, pretendemos realizar uma campanha nacional e internacional em defesa irrestrita dos direitos democráticos, pela liberdade das pessoas criminalizadas por protestar, expressar seu descontentamento nas redes ou simplesmente viver em uma área popular.

Fazemos isso com total independência política das frações capitalistas que atualmente lutam pelo poder no país: o governo de Maduro e a oposição de direita. Enfrentamos o regime político de Maduro, que está claramente aprofundando seu caráter autoritário e repressivo, e, ao mesmo tempo, nos opomos à oposição patronal liderada por María Corina Machado, cujos objetivos e interesses políticos também são contrários aos do povo trabalhador. Não apoiamos nenhum desses polos reacionários.

Embora façamos campanha contra a repressão estatal, rejeitamos que o fato de ser militante nas estruturas de vizinhança do partido governista seja motivo automático de estigmatização e até mesmo de assassinato, como parece ter sido o caso de duas mulheres em Bolívar e Aragua.

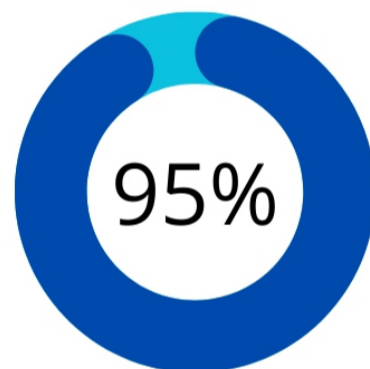
A classe trabalhadora e os setores populares sofrem o peso das represálias

Além da repressão direta, centenas de



Pelo menos
25 pessoas
mortas

Há cerca de
2.200 presos,
de acordo com o presidente
Maduro



das pessoas presas são de
áreas populares, assim
como quase todas as
vítimas fatais.

trabalhadores e trabalhadoras de diferentes empresas e instituições da administração pública foram demitidos, em alguns casos após a busca ilegal de seus telefones celulares e redes sociais.

As pessoas dos bairros constituem a grande maioria dos presos, não apenas por terem sido os protagonistas dos protestos de 29J e 30J, mas também porque é lá que se concentram as batidas em que qualquer pessoa é pega: apenas pelo fato de morar nessas áreas populares, muitos trabalhadores e jovens foram presos, inventando acusações contra eles, com o objetivo de aumentar o número de detidos ou por pura e simples extorsão policial...

Nessas circunstâncias, os presos populares são os mais prejudicados. Eles são os menos visíveis, os anônimos e os que têm menos recursos e possibilidades de tornar seus casos públicos. A precariedade econômica torna inviável arcar com os custos em um sistema prisional profundamente corrupto, no qual é preciso pagar por tudo. Dada a natureza classista da "justiça" e a estigmatização dos pobres, especialmente dos jovens, juízes, promotores e agentes penitenciários são ainda mais cruéis em seus ataques a eles. Essa invisibilização também é realizada pelos partidos de direita dos empregadores, que se limitaram a denunciar a prisão de seus líderes políticos e apoiadores. Eles pouco falaram sobre a ofensiva repressiva empregada nos bairros, demonstrando seu total

desinteresse pelos pobres que saíram para protestar.

Conclamamos as organizações de direitos humanos, sindicais, comunitárias e políticas que defendem os direitos democráticos, tanto no país quanto internacionalmente, a darem atenção especial a essa situação e a unirem forças pela causa da liberdade das pessoas presas por protestarem e/ou morarem em uma área popular. Protestar não é crime, nem ser pobre!

Chega de repressão!

Liberdade para os que estão presos por protestar!

O protesto popular é um direito, a repressão é um crime!

ASSINAMComité de Familiares y Amigos por la Libertad de lxs Trabajadorxs Presxs | PPT-APR | Liga de Trabajadores por el Socialismo (LTS) | Partido Socialismo y Libertad (PSL) | Lucha de Clases | Marea Socialista



BANGLADESH: REVOLTA ESTUDANTIL E POPULAR DERRUBA O GOVERNO



Os enormes protestos estudantis em Bangladesh, reprimidos ferozmente e com mais de 400 mortos, culminaram em 5 de agosto com a renúncia e a fuga de helicóptero do país para a Índia da até então primeira-ministra, Sheikh Hasina, depois que milhares de manifestantes invadiram seu escritório na sede do governo e também queimaram milhares de delegacias de polícia.

A rebelião estudantil, com grande simpatia popular e apoio direto dos sindicatos de médicos e trabalhadores têxteis, incluiu estudantes universitários e do ensino médio e teve início em repúdio à “Lei de Cotas”, que permitia ao governo uma gestão discricionária e corrupta da força de trabalho estatal.

Rebelião contra a exploração e a miséria...Em Bangladesh, como em grande parte do mundo atualmente, não há empregos regulares para os jovens, nem mesmo para os jovens formados em universidades. E a maior parte de sua população vive na miséria. É por isso que há uma grande rebelião de jovens e, no final do ano passado, houve uma grande greve de 4 milhões de trabalhadores têxteis por vários meses. Bangladesh, um país com 170 milhões de habitantes, localizado geograficamente no leste da Índia, fez parte da

colonização britânica da Índia até a década de 47. Posteriormente, conseguiu sua independência como parte oficial do Paquistão, e em 1971 se tornou um país independente deste último.

O novo governo Foi anunciado que o país asiático terá um governo interino chefiado pelo ganhador do Prêmio Nobel da Paz Muhammad Yunus, um popular professor economista de 85 anos proposto pelos estudantes. A decisão foi acordada em uma reunião entre o presidente do país, Mohammed Shahabuddin, líderes militares e os líderes do grupo Estudantes Contra a Discriminação, que liderou a rebelião, informou a presidência.

Pelo poder do povo trabalhador A UIT-QI saúda essa luta heróica e o primeiro triunfo da juventude e do povo trabalhador de Bangladesh, que hoje é um grande exemplo para os explorados e oprimidos da Ásia e do mundo. Esse grande triunfo da mobilização estudantil e popular mostra o enorme poder que a juventude e o povo trabalhador podem ter se se unirem para conquistar soluções fundamentais para o país, para acabar com a precariedade e a miséria, para ter salários dignos, trabalho para todos.

(leia completo em www.cstuit.com)

Leia em www.cstuit.com entrevista com Mariana Scayola, dirigente da Esquerda Socialista e da ADEMYS, sobre a luta contra a extrema direita de Milei.

VEM PRA CST: ORGANIZAÇÃO SOCIALISTA REVOLUCIONÁRIA INDEPENDENTE!

CSTUIT.COM
[@CST_UIT](#)

[@JUVENTUDEVAMOSALUTA](#)
[@JUVAMOSALUTA](#)

AJUDE A FINANCIAR UM JORNAL OPERÁRIO E INTERNACIONALISTA!

CHAVE: 91 98745 6186

